

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Maria, Mãe de Jesus, a Mãe Perfeita, é conhecida por muitas designações, todas contendo em si uma singularidade que personifica, em cada uma, a alma humana. Maria, mulher silenciosa de uma Nazaré dominada pela ganância do Império Romano, onde condizia à mulher só dizer sim, apenas sim. Maria também deu o seu sim. Mas o sim de Maria não foi o usual e conformista da estrutura vigente àquela época – egoísta e pervertida –, mas o resultante da consciência humanística e divina que ela trazia em si, pois tinha fé em um Deus Pai, em um Deus de amor, em contraponto a um Deus a serviço do farisaísmo.

O sim de Maria veio a ser um vigoroso alento para todas as mães do mundo, especialmente as de nossos dias, que hoje sofrem ao ver seus filhos vítimas da violência, do submundo das drogas, da coisificação do sexo, da negação do eu como postura humana. Maria, mesmo segregada do contexto divino por outras religiões, não se esquece do olhar carinhoso de mãe, também para esses filhos.

Maria nos ensina a buscar em cada momento uma espiritualidade consistente no ordinário do dia-a-dia, pois nela se pode reconhecer a profundidade da fé no Pai, não no esplendor da visita do Anjo Gabriel, ou quando Jesus se manifestou em seu ventre, na casa de sua prima Isabel, mas na perseverança dos dias comuns em que viveu na criação de seu Filho Jesus, onde nada acontecia de extraordinário, antes da sua vida pública. Maria conseguiu espalhar muitos sorrisos em sua vida e ser feliz, apesar de vislumbrar em cada tora de madeira o destino de seu filho.

Mas Maria, a Mãe Silenciosa, é também Nossa Senhora das Dores, que nos ensina, ao contemplarmos o seu setenário de dores, a sermos exemplos de seu Filho Amado e a termos uma fé vinculada a uma religiosidade verdadeira e dinâmica.

Entre as muitas denominações de Nossa Senhora, várias se referem aos sofrimentos que marcaram a sua vida: Nossa Senhora das Lágrimas, Nossa Senhora da Soledade, Nossa Senhora da Saudade, Nossa Senhora da Piedade, etc. Mas, dentre essas e outras invocações que salientam as suas angústias, a mais ampla é, sem dúvida, a de Nossa Senhora das Dores.

A devoção a Nossa Senhora das Dores pode ser encontrada já no século XI, mas difundiu-se mais a partir do século XIV, devido ao zelo da Ordem dos Servitas. Foi o Papa Bento XIII quem colocou a celebração no calendário romano, e Pio X, em 1913, determinou que a festa se celebrasse no dia 15 de

setembro, significativamente no dia seguinte à festa da Exaltação da Santa Cruz. No Brasil, a devoção a Nossa Senhora das Dores é muito difundida.

Há, pelo menos, 116 paróquias que a têm por padroeira, sem falar nos inúmeros oratórios e ermidas. Longe de ser apenas um vago sentimento, fruto da religiosidade popular, essa devoção, fortemente radicada no Evangelho, foi, por isso, muito apreciada por vários santos e traz grandes benefícios espirituais.

Historiadores afirmam que o culto à Mater Dolorosa iniciou-se 1221, no Mosteiro de Schönau, na Germânia. Em 1239, a sua veneração, no dia 15 de setembro, teve início em Florença, na Itália, pela Ordem dos Servos de Maria (Ordem Servita).

A denominação Nossa Senhora das Dores tem sua origem nas Sete Dores da Virgem Maria:

– a profecia de Simeão sobre Jesus (Lucas, 2, 34-35): “Eis que este menino está destinado a ser ocasião de queda e elevação de muitos em Israel e sinal de contradição. Quanto a ti, uma espada te transpassará a alma”;

– a fuga da Sagrada Família para o Egito (Mateus, 2, 13-21): “O anjo do Senhor apareceu em sonho a José e disse: Levanta, toma o menino e a mãe, foge para o Egito e fica lá até que te avise. Pois Herodes vai procurar o menino para matá-lo”;

– o desaparecimento do Menino Jesus durante três dias (Lucas, 2, 41-51): “Acabados os dias da festa da Páscoa, quando voltaram, o menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que os pais o percebessem. Pensando que estivesse na caravana, andaram o caminho de um dia e o procuraram entre parentes e conhecidos. E, não o achando, voltaram a Jerusalém à procura dele”;

– o encontro de Maria e Jesus, a caminho do Calvário (Lucas, 23, 27-31): “Ao conduzir Jesus, lançaram mão de um certo Simão de Cirene, que vinha do campo, e o encarregaram de levar a cruz atrás de Jesus. Seguia-o grande multidão de povo e de mulheres que batiam no peito e o lamentavam”;

– Maria, observando o sofrimento e a morte de Jesus na Cruz (João, 19, 25-27): “Junto à cruz de Jesus estavam de pé sua Mãe, a irmã de sua Mãe, Maria de Cléofas, e Maria Madalena. Vendo a Mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse Jesus para a mãe: Mulher, eis aí o teu filho! Depois disse para o discípulo: Eis aí a tua Mãe!” ;

– Maria recebe o corpo do filho tirado da Cruz (Mateus, 27, 55-61): “Chegada a tarde, porque era o dia da Preparação, isto é, a véspera de sábado, veio José de Arimatéia, entrou decidido na casa de Pilatos e pediu o corpo de Jesus. Pilatos, então, deu o cadáver a José, que retirou o corpo da cruz”; e

– Maria observa o corpo do filho ser depositado no Santo Sepulcro (Lucas, 23, 55-56): “Os discípulos tiraram o corpo de Jesus e envolveram em

faixas de linho com aromas, conforme é o costume de sepultar dos judeus. Havia perto do local, onde fora crucificado, um jardim, e no jardim um sepulcro novo onde ninguém ainda fora depositado. Foi ali que puseram Jesus”.

Embora se procure acentuar esses sete momentos – as Sete Dores –, o título Nossa Senhora das Dores abrange muito mais, pois alcança a Cruz, como companheira inseparável de sua vida e missão.

O povo de Porto Alegre tem particular e antiga devoção por Nossa Senhora das Dores. A Igreja Nossa Senhora das Dores, por exemplo, é a igreja mais antiga da Cidade, tendo sua pedra fundamental lançada em 2 de fevereiro de 1807, pela Ordem Terceira de Nossa Senhora. Em meados de 1813, já estava concluída a capela-mor, e, em 23 de junho daquele ano, foi trasladada a imagem de Nossa Senhora das Dores, da antiga Matriz até a sua nova casa. Em 24 de outubro de 1832, foi criada como freguesia autônoma, desmembrada da Paróquia da Madre de Deus, mas só recebeu um pároco em 1859, quando o Imperador Dom Pedro II indicou o Padre José Soares do Patrocínio Mendonça para o cargo.

Uma das mais antigas escolas de Porto Alegre é o Colégio Nossa Senhora das Dores, fundado pelos Irmãos Lassalistas no dia 3 de fevereiro de 1908, num prédio alugado, na Rua Riachuelo, hoje o número 399.

Falta, porém, o registro perene da devoção do povo da Cidade a Nossa Senhora das Dores, falta o que buscamos redimir, atribuindo a um dos logradouros de nossa Cidade o santo nome de Nossa Senhora das Dores, na certeza do apoio de todos os Vereadores de Porto Alegre.

Sala das Sessões, 24 de setembro de 2007.

VEREADOR JOÃO CARLOS NEDEL

PROJETO DE LEI

Denomina Rua Nossa Senhora das Dores o logradouro não-cadastrado, conhecido como Rua G – Vila da Páscoa –, localizado no bairro Rubem Berta.

Art. 1º Fica denominado Rua Nossa Senhora das Dores o logradouro não-cadastrado, conhecido como Rua G – Vila da Páscoa –, localizado no bairro Rubem Berta, nos termos da Lei Complementar nº 320, de 2 de maio de 1994, e alterações posteriores.

Parágrafo único. As placas denominativas conterão, abaixo do nome, os seguintes dizeres: A Mãe Perfeita.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.